

CONTRIBUIÇÕES DOS VIAJANTES PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA REGIONAL: UM ENFOQUE AOS RELATOS DE OSCAR LEAL

Aline da Costa Luz¹

RESUMO: O presente trabalho tem como intuito analisar os relatos da viagem feita a Goiás produzidos pelo viajante de origem portuguesa, Oscar Leal, que esteve na região no final do século XIX. Este viajante traz aspectos do cotidiano em Goiás no final do século XIX, abordando as influências do advento do movimento republicano na região, as manifestações da emergência do republicanismo no interior de Goiás, sendo a república associada ao desenvolvimento e ao progresso.

PALAVRAS CHAVE: Relatos de viagem, viajantes estrangeiros, manifestações republicanas.

ABSTRACT: The present paper aims to examine the accounts of the voyage made Goiás produced by the traveler from Portugal, Oscar Leal, who visited the region in the late nineteenth century. This traveler brings aspects of daily life in Goiás in the late nineteenth century, addressing the influence of the advent of the republican movement in the region, the manifestation of the emergency of republicanism in Goiás, and also the republic being associated with the development and progress.

KEY WORDS: Travel accounts, Foreign Travelers, Republican manifestation.

Contribuições dos viajantes estrangeiros – um olhar eurocentrista sobre o sertão do Brasil

Os relatos de viagem produzidos pelos viajantes que estiveram em Goiás ao longo do século XIX tornam-se importantes instrumentos na construção da historiografia acerca desse período na região. Uma série de estudiosos que estiveram na província ao longo deste século, produzindo relatos ricos em detalhes sobre os costumes, as práticas religiosas, o espaço urbano, a geografia e as características da natureza da região.

Foram vários viajantes que estiveram no Brasil, e em Goiás destaca-se a vinda de Coudreau, Pohl, Kidder, Gardner e, principalmente, Castelnau e Saint-Hilaire, que exploraram a região principalmente na primeira metade do século XIX. Este trabalho

¹ Graduada em História pela UFG – Campus Jataí. Especializanda em História Cultural pela UFG.

pretende dar destaque aos relatos produzidos pelo viajante Oscar Leal, que aborda características de Goiás às vésperas da Proclamação da República no Brasil e o advento das ideias republicanas na região, o que transforma os relatos de Leal em um importante instrumento para a análise deste período na província.

A Coroa portuguesa enviava para o Brasil, desde o século XVIII, pesquisadores responsáveis por explorar todo o território colonial. Esses naturalistas buscavam as diversas espécies de vegetais e animais existentes, enviando amostras para Portugal, a fim de animarem a curiosidade da população em conhecer o território brasileiro. A partir de 1808, com a chegada da família Real e a abertura dos portos, foi possível que se engendrassem no interior do Brasil estudiosos interessados em relatar cada detalhe desse “Novo Mundo” que agora estava aberto ao conhecimento.

A partir de então, o Brasil conhece uma vasta literatura de viagens feitas ao seu interior, tendo no século XIX a presença de viajantes estrangeiros, que na ausência de restrições existentes no período da colônia, remeteram dados e espécimes aos países financiadores de suas pesquisas. Ana Maria Belluzzo reconhece que os viajantes que percorreram o Brasil escreveram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito.

Os viajantes vindos da Europa, inspirados pelo iluminismo, chegam ao Brasil, e, por conseguinte à Goiás com a perspectiva de descobrir outro mundo ainda não conhecido pelo olhar europeu. Não tinham como interesse norteador a conquista e a exploração econômica de novos territórios, apenas em conhecer e relatar cada detalhe daquilo que encontravam ao longo do percurso.

De acordo com José Eustáquio Ribeiro (2004), que trabalha com os relatos produzidos na primeira metade do século XIX, esses viajantes em tudo se diferenciavam dos viajantes exploradores dos séculos XV e XVI, em seus interesses, relatos, recursos técnicos e financeiros e a natureza de suas viagens. Os viajantes do século XIX se interessavam em incluir na linguagem científica aquilo que ainda era desconhecido. Queriam trazer à luz da ciência aquilo que ainda era desconhecido pela razão humana.

Esses viajantes eram inspirados pelo cientificismo predominante no século XIX, século caracterizado pela busca do progresso e do desenvolvimento científico. As teses de Lineu e de Darwin influenciaram no olhar em que os viajantes deitavam sobre a região. Ainda de acordo com José Eustáquio (2004, p. 97), havia na Europa uma necessidade de investigar, selecionar, catalogar e ordenar o mundo da natureza devido ao anseio de conhecimento vigente.

Influenciava também os viajantes deste século o espírito do romantismo, que levava à valorização da subjetividade, até mesmo no olhar sobre a natureza. De acordo com Márcia Regina Capelari Naxara (2004, p. 148):

O olhar científico – do cientista que observa de fora, tanto a natureza quanto os homens – aparecendo como que impregnado, de forma ambivalente, por uma sensibilidade romântica, mesmo que ela não se manifeste consciente e claramente. Junto ao olhar que se pretende neutro, que visa analisar algo que lhe é exterior (tanto a natureza inanimada, como o mundo vegetal, animal e humano) aparece a reverência diante da criação, a instantânea perda da objetividade e da neutralidade. Sentimentos e sensações que escapam ao domínio da explicação racional (...) Na tentativa de assimilar tal espetáculo, os homens lançaram mão da palavra, do desenho e da pintura, como formas de alcançar o conhecimento e garantir a memória.

Os relatos produzidos por esses viajantes são resultados de uma concepção de ciência constituída ao longo do século XVIII, lançando base para um conceito de ciência que se tornava cada vez mais laica.

A ciência, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, se nutrirá das novas concepções de mundo e de suas novas representações, marcadas por inúmeras descobertas. Desde então, crê-se que tudo no mundo era passível de mensuração, ordenamento, classificação. Olhar, ver, descobrir um mundo já descoberto, porém novo, pouco visitado, na medida em que não havia sido investigado pelos novos parâmetros científicos, gerava a vontade pelo conhecimento e pelo ordenamento, pela apropriação do espaço e da natureza e de tudo que ela possui. Surgem então as coleções de plantas, de minerais, entomológicas ou paleontológicas. (LEMES, 2009, p. 68)

Além dessa influencia científicista, percebe-se nos relatos desses viajantes, financiados por Institutos de pesquisa ou não, considerações carregadas de juízos de valor que partem da realidade européia, que se distanciava muito daquilo que encontraram aqui. No entanto, esses relatos ricos em detalhes sobre os comportamentos, a natureza e a geografia dos lugares em que se encontravam, são de inestimável contribuição à construção da história do Brasil, assim como a história de Goiás.

De acordo com Luis Palacin (1994a, p.22), é sob o signo do ouro que começa a incorporação de Goiás a história. A partir de 1726, inicia-se a exploração sistemática das minas de ouro, promovendo grandes migrações para a região. “Arraiais iam surgindo e desaparecendo, conforme a descoberta de minas e a expectativa de enriquecimento rápido” (LEMES, 2009, p. 71). No entanto, na segunda metade do

século XVIII, o ouro já estava escasso, sendo que no século XIX já não tinha nenhuma representatividade para a economia goiana.

A efêmera duração das minas dos Goyazes e a carência de uma infraestrutura capaz de suportar os revezes sociais de um declínio econômico de tal porte traçaram o perfil da sociedade goiana que ‘sobreviveu’ ao sonho do ouro. [...] Dessa sociedade irá se extrair o conceito capaz de resumi-la em uma só palavra e de inseri-la numa imagem capaz de eternizações memoriais na redoma da historiografia que a envolveu por séculos: a decadência. (CHAUL, 2002, p.40)

É nesse período que Goiás recebe os viajantes estrangeiros que, em seus relatos, consolidam a idéia de decadência. Partindo de um olhar eurocentrista, acostumados com os progressos industriais e diferentes padrões morais, relatam a realidade encontrada “como se fosse o desejo do que não viam, a imagem do progresso invertida na janela do tempo”. (Idem, p.41).

Esses viajantes encontraram em Goiás uma terra completamente diferente da terra que povoava seu imaginário. Os padrões europeus de modernidade e progresso, não cabiam a esta sociedade agropecuária que em muito se distanciavam da lógica capitalista e de superpopulação vigente na Europa do século XIX. A falta e a precariedade das estradas, o clima, a carência de certos alimentos e principalmente as características da vida social, atesta-se a idéia de decadência da província de Goiás.

Nasr Fayad Chaul (2002) analisa os relatos produzidos por August Saint-Hilaire, John Emmanuel Pohl, Luiz D’Alincourt, George Gardner e Willian John Burchell em suas expedições para Goiás, que são ricos em juízos de valor que configuram um imaginário de atraso da região. Entre esses relatos, o autor destaca as reclamações acerca das estradas da região, afirmando que os defeitos se realçaram a medida que a oferta de ouro se esgotou. No entanto, para os viajantes esse era um grave problema uma vez que

Chegavam à terra imaginando um Goiás em esplendor devido à mineração, que atrelava a região à cadeia da produção capitalista, elo presente na corrente do progresso, mas se deparavam com uma Província onde a crise imperava em seus múltiplos aspectos. Os olhares dos viajantes europeus conseguiam ver apenas um deserto de homens, sem comércio e sem perspectivas, com estradas fantasmas e ócio correndo nas veias do povo mestiço, longe por demais dos exemplos e do labor anglo-saxões. Não se perguntavam sobre as razões econômicas e sociais dessa situação, nem sobre o lugar desse pedaço do ‘novo mundo’ no mercado capitalista. (CHAUL, 2002, p. 51)

Existe nos relatos um estranhamento constante e uma tentativa de tornar esse mundo encontrado legível para si e para aqueles que teriam contato com os seus relatos. Além disso, promovem registros morais com a tentativa de conceder ao mundo que descortinavam um padrão de civilidade presente na Europa do século XIX. Almejavam que a região alcançasse o progresso vigente longe dali.

Saint-Hilaire, de acordo com Chaul (2002), não compreendia como uma região com tamanhas possibilidades não se desenvolvia. Acreditava que os conselhos por ele dados não conseguiriam arrancar os lavradores goianos da profunda apatia que se imergiam. Fica claro que o viajante gostaria de presenciar o trabalho, o progresso, o capital e a urbanização no lugar da apatia que se associava ao campo.

Esses relatos de estranhamento não se diferenciam muito daqueles produzidos por Pohl e Cunha Matos. Pohl chega a associar a sociedade goiana com as comunidades indígenas.

José Eustáquio Ribeiro (2004), analisando a contribuição dos viajantes do século XIX para a história de Goiás na primeira metade do século, exemplifica o olhar de estranhamento e de busca pelo desenvolvimento desses viajantes com o relato de Raimundo José da Cunha Matos que afirmava que em Goiás não se podia comprar uma vez que não se vendia, não se vendia porque não se trabalhava, não se trabalhava porque não havia quem comprasse. Desse modo, Goiás teria se enveredado por um círculo vicioso que levava ao ócio, à preguiça, à miséria e à decadência.

Esse modo de ver de certo modo foi suficiente para que a historiografia local chegasse à conclusão a respeito da condição de atraso da região. O que a historiografia atual de Goiás tem tentado a todo custo, da coerência inclusive, negar e substituir por noções mais otimistas. Assim, o fundamento da historiografia goiana tem girado, desde o século XIX até os dias atuais, em torno de como ler essas primeiras imagens produzidas a respeito da região. (RIBEIRO, 2004, p. 15)

Para o autor, é essa legitimação da condição de atraso que não permite melhor análise sobre o século XIX em Goiás. Já que a historiografia regional constata, com a ajuda dos relatos dos viajantes, que o período posterior à mineração é um período de decadência, não existiria necessidade de estudá-lo.

No âmbito daquilo que, mais por hábito quase vicioso, se costuma chamar de *historiografia goiana*, tornou-se óbvia a constatação a respeito da precariedade e da exigüidade de estudos sobre o século XIX goiano, em especial no que se refere ao período imperial. A explicação habitual para esse fato, que também parece ser a mais

plausível, é a de que ela se dá em função de um processo de periodização que divide a história regional entre uma fase de *atraso* e outra de *progresso*. Seria um tipo de *lógica da integração* ou de *fluxo/refluxo*. Por ela, pela periodização, a história local só adquire sentido quando a *região* se incorpora ou se integra numa economia de mercado ou durante os seus momentos mais intensos de fluxo econômico. Assim, teríamos um período de *progresso* (século XVIII), de *atraso* (século XIX) e outro de *progresso* (século XX). Por ser marcado pelo *atraso*, não haveria muito a estudar no século XIX. (Idem, p. 16)

No entanto, entendemos que este é um período que merece análises e que os relatos nos auxiliam neste trabalho se entendermos que estes estão historicamente situados em uma realidade que muito se distanciavam da realidade encontrada aqui, mas que são ricos em detalhes sobre o cotidiano e as características naturais da região.

Oscar Leal – um viajante do fim do século XIX

Ao longo dos estudos sobre as contribuições dos viajantes estrangeiros à história de Goiás, percebe-se que, em grande parte das bibliografias sobre o assunto utilizam-se os relatos de viajantes que aqui estiveram na primeira metade do século XIX. Os relatos produzidos por Saint-Hilaire, Pohl, Castelnau e Gardner foram bastante utilizados para a apreensão do período na região.

No entanto, percebe-se que pouco, ou nada, se utiliza dos relatos produzidos pelo viajante português Oscar Leal, o que torna a elaboração deste trabalho instigante ao mesmo tempo em que surgem questionamentos pela não utilização de fonte tão interessante.

Um dos motivos em que podem pesar na não utilização dos relatos de Oscar Leal, é o distanciamento temporal de sua expedição com a dos demais viajantes. Leal esteve em Goiás com o intuito de escrever sobre a região por duas vezes, 1882 e 1889. Os demais viajantes, em sua maioria, estiveram aqui na primeira metade do século.

Das duas expedições de Oscar Leal à Goiás foram produzidas duas obras: *Viagens ao Centro do Brasil* (publicado em Lisboa em 1886) e *Viagens às Terras Goyanas – Brazil Central* (publicado no Brasil pela UFG, na coleção “Documentos Goianos” em 1980).

Oscar Leal era filho do Comendador Jacinto Leal de Vasconcelos, português que residia no Rio de Janeiro. Realizou sua primeira viagem com o intuito de escrever sobre a região de Goiás quando tinha apenas 20 anos (1882). Por influência de seu pai,

estudou em Portugal e viajou pela Europa, e quando retorna ao Brasil, iniciou uma série de viagens pela América, como Argentina, Uruguai e Paraguai.

Faz-se importante a análise dos relatos produzidos por esse autor uma vez que trazem aspectos inovadores em relação aos demais viajantes. Devido a esse distanciamento temporal, existem aspectos diferenciados no que se refere às características da região e ao que se compreendia por progresso ou atraso.

Os relatos de Oscar Leal possuem características semelhantes aos demais viajantes no que se refere a ter como padrões norteadores a realidade européia. Apesar de morar no Rio de Janeiro, onde além de exercer a profissão de dentista se aventurava na produção teatral, Leal estudou em Portugal e conheceu grande parte da Europa. Não foi financiado por nenhuma instituição científica, existindo uma maior flexibilidade em seus relatos, que, de acordo com Ático Vilas Boas da Mota (1980), apóia-se na maneira de enxergar o mundo pelo lado otimista, engraçado e irônico.

O próprio viajante reitera a importância de seu trabalho no prefácio que faz à obra em que este trabalho se sustenta, *Viagens às Terras Goyanas – Brazil Central*, afirmando que a obra serve para atestar que alguém se preocupa em tornar Goiás mais conhecido, por ser uma região em que pouco se tem falado até o momento de sua escrita.

Ao mesmo tempo em que Leal critica violentamente certas características da província, se mostra um apaixonado pela viagem à região e desligado de qualquer instituição científica. Nos diz o viajante:

Amenizando tanto quanto estiver em minhas forças este desprezioso trabalho relatarei as peripécias da viagem mais linda que tenho feito a través dos sertões do Brazil, pois bem sei que a maioria dos leitores prefere a descrição desataviada, cujo estylo sendo fluente, deleita e ilumina o espírito simultaneamente. Para este fim, como de costume, sem filiar-me n'esta ou n'aquela escola, lembro que a minha penna só obedece à arte individualista, escrevendo como penso e como sinto. (LEAL, 1892)

Apresenta-se então, uma série de observações presentes no diário de viagem de dizem respeito à história de Goiás no final do século XIX, trazendo características relevantes sobre as diferenças entre as regiões goianas, bem como as manifestações referentes à Proclamação da República, associada pelo viajante com o sonho pelo progresso que a região necessitava, o que torna um dos aspectos mais relevantes de sua análise.

Os relatos da viagem se iniciam em Campinas, São Paulo, de onde o viajante parte de trem até Uberaba, Minas Gerais. Em todas as paradas, o viajante descreve aspectos da alimentação e algumas dificuldades encontradas nas estradas de ferro da região.

A partir de Uberaba a viagem ocorre a cavalo, sempre com um ou mais companheiros, que o auxiliam como guia ou como simples companhia. São sempre alvo de comentários as condições de instalação encontradas pelo caminho, que muitas vezes Leal utiliza como forma de auxiliar aqueles que queiram fazer viagens pela região.

Ainda em Minas Gerais, próximo a Alegrete, Leal descreve as boas condições de instalação de um rancho em que resolve passar a noite, mas que possui uma péssima cozinha. Leal relata:

Pedimos o favor de nos preparar três dúzias de ovos e mais o que houvesse para ceirmos. Qual não foi porém o nosso espanto, quando ao irmos para a meza encontramos apenas uma terrina com feijão e uma dúzia de ovos fritos e virados dois a dois para se nos fazer crer que eram as três dúzias. O feijão de tão velho e duro ninguém o poderia trincar e muito menos fazer a coeção dele no estomago. [...] O leitor há de me perdoar, ser franco ao narrar certos factos, porque entendo que a não lhe ministrar a verdade, melhor fora depor a penna e cuidar n'outra cousa. Quem paga não pede abuso e o sujeito que se colloca à beira de uma estrada, deve ser mais hospitaleiro do que explorador. Isto vae pois com vista aos viajantes inexperientes. (LEAL, 1892, p. 20-21)

Aqui percebemos características alimentares das regiões próximas bem como as condições que encontraria aquele que se dispusesse a fazer viagens para conhecer os territórios do sertão.

A chegada a Goiás se dá em 14 de maio de 1889 na cidade de Santa Rita onde já se iniciam as críticas ao comportamento da população. Dizia ele penalizado que, as pessoas caminhavam para o túmulo. Em vez de falar, bocejavam; de andar, se arrastavam; de viver, vegetavam. Sem encontrar o desenvolvimento urbano e industrial vigente na Europa, critica a falta de ambição pelo luxo, pelo dinheiro e pelo conforto.

Ao chegar na região de Piracanjuba, se queixa da ausência de investimentos em cultura, afirmando que era um lugar mau para as artes, mas que isso era uma característica geral das regiões centrais do Brasil. Em sua postura cientificista afirma:

Em quase todos os pontos centrais do Brasil ainda hoje não passa de mytho o apparecimento de pessoas verdadeiramente habilitadas para qualquer mister. Extremamente desconfiada e ao mesmo tempo invejosa, muita gente só trata de desprestigiar aquelles que são o orgulho da sciencia, ao passo que os charlatães locais são cobertos de deferência. Não se dá no entanto isso só com os estranhos. Filhos mesmo de Goyaz que conseguem se diplomar, são alli victimas de sua ousadia. (Idem, p.44)

Sobre as cidades que se desenvolveram com a extração do ouro, principalmente Goiás e Pirenópolis, o viajante traça uma série de críticas ao comportamento da população, as condições de atuação da imprensa e as estruturas urbanas dessas cidades. São poucos os elogios dados a essas cidades. Leal permanece por pouco tempo na Cidade de Goiás, dedicando mais tempo á cidade de Pirenópolis.

A falta de estruturas foi atribuída à preguiça da população em reivindicar melhorias. Afirmavam a Leal que certas comodidades eram impossíveis de existirem no sertão, que não se conformava, afirmando que a miséria era consequência da conformação do povo sertanejo com essas condições.

O comportamento em relação às mulheres também é ressaltado em seus relatos. Logo no inicio de sua viagem, no trem que ligava Campinas a Uberaba, Leal encontra-se com duas moças que compartilham com ele o desejo de que o Brasil deixasse de ser uma monarquia e se tornasse uma república mas acrescentam o desejo de verem uma maior liberdade às mulheres. Em sua estadia em Pirenópolis, o viajante se queixa das mulheres se limitarem muitas vezes ao reduto de suas residências e não receberem educação, criando o que ele chama de “meninas tolas”. Diz Leal:

Uma rapariga, que desde os primeiros dias da infância principia a conhecer o mundo, a lançar a vista sobre o bom e o mau, illustrando-se e desenvolvendo-se, de dia para dia, chegada a hora em que se avizinha do precipício, terá forças, saber e conhecimento para evita-lo, porque o cultivo da intelligencia e a prática da vida, fazem-na poder distinguir o visível do apparente. Outro tanto não succede à menina tola, inexperiente, sem rudimento de convivência. (Idem, p.79)

Em seu estudo sobre o olhar dos viajantes sobre a mulher goiana, Cláudia Lemes (2009) afirma que a ausência das mulheres nos espaços públicos era algo que incomodava a esses estrangeiros. Com isso, infere-se que a concepção que eles traziam da Europa de espaço público e privado era bem distinta da encontrada no Brasil do século XIX. (p. 87-88).

Dentre as inúmeras informações relatadas por Oscar Leal, que em muito se assemelham, no que se refere ao olhar eurocentrista de estranhamento às estruturas

vigentes, àquelas produzidas pelos viajantes que estiveram em Goiás na primeira metade do século XIX, Leal se mostra inovador ao associar o progresso a uma concepção pouco vigente até 1870: a República.

Oscar Leal e a República como progresso.

Torna-se interessante analisar as manifestações favoráveis à república que Leal encontra ao longo de seu percurso. Assim como a associação que Leal faz da condição de atraso com o regime político vigente, no caso, a Monarquia.

José Murilo de Carvalho (2011), em um estudo sobre o movimento republicano que se inicia a partir do Manifesto de 1870, aborda sobre as influências intelectuais e defesas que eram consideradas primordiais àqueles que aderiram o movimento. O autor afirma que em uma grande parcela dos que defendiam o republicanismo, a ideia de república já se associava automaticamente à ideia de democracia.

Carvalho coloca também que os partidos republicanos tiveram vida irregular e muito diversificada geograficamente, tendo como principais núcleos do movimento o Rio de Janeiro, São Paulo e em menor escala Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e Pará. (2011, p. 142). Vindo do Rio de Janeiro, Leal associava República à democracia (quando se referia a republicanos os chamava de “partidários das ideias democráticas”) e em sua obra demonstra manifestações republicanas em Goiás.

Percebe-se que Oscar Leal era um republicano convicto, que acreditava que o país só se tornaria livre se proclamasse a república. A sua viagem se inicia meses antes da proclamação, em março de 1889, e em várias ocasiões, o viajante profere discursos, cria clubes republicanos, como faz em Uberaba, e critica o regime monárquico associando-o ao atraso.

Logo no início de seu trajeto, ao encontrar com as moças no trem que ligava Campinas ao Triângulo Mineiro, ao ser questionado se era republicano Leal responde: “Que pergunta, excellentíssima senhora. Qual homem de posição independente que mostrando ser patriota deixa de querer ver a real independência de seu país?” (LEAL, 1892, p. 3).

E assim se repetem as manifestações ao longo de todo o percurso. Em Uberaba, que em 20 de março de 1889 recebera visita do Conde D’Eu, esposo da Princesa Isabel que sucederia D. Pedro II no trono Imperial, Leal afirma que tal visita foi oportuna para aqueles que eram contrários à monarquia e adeptos das ideias democráticas ajudando-os

a fundar um clube republicano, chamado 20 de março, que se iniciou com 30 membros. Leal não descreve maiores informações sobre esse clube, que se funda como forma de protesto à monarquia e reflete sobre a pouca simpatia que a população tinha sobre a figura do Conde D'Eu.

A idéia de que o republicanismo se associa ao progresso fica clara na visita de Oscar Leal à cidade de Monte Alegre. Para ele, a cidade está em pleno desenvolvimento graças à influencia do republicano Vilella de Andrade, coronel com maior prestígio político da cidade, contando com quase todo o eleitorado. “Escusado é dizer que esse bom velho, é homem adiantado e patriota, republicano e como elle todos os que o acompanham.” (LEAL, 1892, p. 24). O viajante descreve os estabelecimentos da cidade que são raros na região e o aumento no comércio da cidade devido à aproximação da via férrea e, segundo ele, tudo tendia a melhorar.

Já em Goiás, na cidade de Santa Rita, Leal se felicita com a presença de Carlos Marquez, que descreve como:

Um homem de boa idade, alegre, jovial e faceta, extremamente sympathico, amigo dos amigos e sobretudo um fino sectário das idéias modernas. Filiado ao partido republicano, manifesta-se sempre de uma maneira brilhante na exposição succinta de suas crenças; não fala – grita, não brinda – berra, e tudo isso pelo fanatismo a que o arrasta a idéia da liberdade. É que naquele coração há patriotismo e abnegação simultaneamente. (Idem, p. 31)

Juntamente a Carlos Marquez e Augusto de Freitas, Leal organiza uma reunião com cerca de vinte pessoas promovendo brindes à futura república e criando um manifesto republicano, que dizia: “*Nós abaixo assignados declaramos que d’ora avante adherimos às idéias republicanas, visto conhecermos que só a republica trará a felicidade para a nossa pátria.*”.

Alguns dias após a assinatura do manifesto republicano, um dos membros, um professor público, que havia participado com sua assinatura, pede para que retirem sua assinatura. Chamado de Sr. B., Oscar Leal lamenta a retirada da assinatura e a atribui ao cargo e a falta de liberdade existente no regime vigente. Além disso, ressalta ironicamente que ainda durante a monarquia, o pobre Sr. B. perdeu seu emprego, pois a escola de Santa Rita foi fechada.

Quando se encontrava em Pirenópolis, Leal recebe a notícia de que o ministério presidido por João Alfredo, um dos últimos ministérios conservadores da monarquia de D. Pedro II, fora substituído por um ministério liberal, Leal afirma que isso pouco faria

diferença. Disse ele: “É tudo a mesma coisa. Venha a república que é a salvação do país. Isso sim!” (Idem, p.60).

Para Leal, Goiás era uma região muito rica e que lhe era reservada grande prosperidade, mas essa não chegava devido “a pequenez dos administradores abastardados por nefasta política”. No entanto, para ele, existia em Goiás uma pequena parcela de homens que se esforçavam para melhorar o desenvolvimento da região.

Leal teve a notícia da proclamação da república no Rio de Janeiro apenas no dia 5 de dezembro de 1889, na cidade de Corumbá, e descreve sua reação como cheia de alegria por ver sua pátria livre. Dirige-se então para Pirenópolis, cidade onde ocorriam as comemorações pela proclamação. Lá proferiu um discurso em favor da república, seguido de três vivas da multidão.

Para Leal, o povo da cidade mostrou-se patriota e orgulhoso de ver o país caminhar progressivamente. Maria de Lourdes Mônaco Janotti afirma que os historiadores contemporâneos à proclamação da República viram seu advento como uma fatalidade histórica. O mundo havia modernizado e o regime monárquico estava fadado a ser substituído pelo republicano para então alcançar maior progresso (JANOTTI, 2000).

As demais manifestações favoráveis ao republicanismo se dão na região sudoeste de Goiás, última região visitada por Oscar Leal. É interessante a forma em que o viajante descreve as cidades da região que, na sua concepção, possuem uma potencialidade de desenvolvimento bem maior.

As cidades são fadadas ao progresso. Diferentemente das cidades que se desenvolveram com a exploração do ouro, que Leal tanto critica, as cidades da região sudoeste, como Rio Verde e Jataí, apesar de pouco desenvolvidas, possuíam um fluxo econômico bastante significativo, assim como tinham maior possibilidade no desenvolvimento das artes.

No aniversário da Proclamação da República, Leal se encontrava em Rio Verde (Dores do Rio Verde), onde organizou uma comemoração, que ele descreve:

A 15 de novembro, 1º aniversário da proclamação da república, estando ainda em Rio Verde, dirigi-me a varias pessoas e consegui festejar a grande data com uma passeata e *marche aux flambeaux*, que teve lugar na mesma noite, estando a frente das principaes casas iluminadas. (...) Assim não passou desapercibido tal dia, até mesmo nos sertões do Brasil, porque mais vale a boa vontade e patriotismo de uns, do que a indiferença e falta de patriotismo de centenas de ignorantes que por toda parte pullulam. (LEAL, 1982, p. 181).

A última cidade visitada por Leal em Goiás foi Jataí, que chega à região do povoado de por volta do dia 17 de novembro de 1890. Foi acolhido na fazenda do comendador Seraphim de Barros que, para Leal, era a mais importante de toda a região. Descreveu a aparência de Seraphim como abatida devido à morte do artista português Miranda, sentida em toda a comarca.

No percurso, descreve o solo da região e critica os comportamentos violentos dos indígenas, que com frequência matavam pessoas. Vencidas cinco léguas, chegaram ao povoado de Jataí, hospedando-se na melhor casa disponível.

Sobre o povoado, Leal relata que:

O Jatahy conquanto seja uma povoação tão recente que ainda tem a ventura de abrigar vivos os seus fundadores, é hoje uma villa notável pelos seus edificios públicos e particulares, construídos por mãos hábeis, e pelo magnífico local em que se acha situada. É a ultima povoação que existe n'esta banda de Goyaz (LEAL, 1892, p. 193).

Em 1890, Jataí contava com uma rua e duas que não apresentavam muito movimento. Existiam também casas de fazendas, tavernas, oficinas de ferreiro, de carpinteiro, duas escolas públicas. A arquitetura de algumas casas não agradava ao viajante por serem simples e rústicas. Não contava com médicos, utilizando na maioria das vezes de curandeiros. Para Leal, o povoado progredia sensivelmente, sem necessitar de pedir auxílio ao governo estadual e, apesar de ser menor que Rio Verde, tinha maior potencial por ser influenciada por patriotas. Em geral, quando Leal chamava alguém de patriota se referia a pessoas adeptas ao republicanismo.

Oscar ajuda a fundar em Jataí uma sociedade dramática (teatro), levando à cena variadas peças. Para ele, o povo da cidade era alegre e hospitaleiro, gostavam da dança e da música, apesar de não utilizarem nenhum método para seu exercício. Ao analisar a cultura da região, afasta as festas populares das antigas tradições coloniais.

Leal participa da organização das eleições do povoado, criticando bastante aqueles que se posicionavam contra os ideais republicanos. Terminada a sua visita, parte com destino a Argentina, onde encontraria melhores condições para voltar para o Rio de Janeiro.

Percebe-se, ao longo dos relatos produzidos por Oscar Leal, aspectos da história de Goiás que ainda carecem de discussão. A questão dos movimentos favoráveis à república é um desses aspectos, uma vez que são apontados como manifestações tardias e inexpressivas (PALACIN, 1994, p.80), e por isso, tão pouco discutidos.

Luis Palacin(1994) afirma que a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, nada representou para o povo goiano. Esse fato político somente surtiu efeito nas unidades administrativas e políticas, pouco afetando os fatores sócio-econômicos e culturais. Para o autor, permanecem as mesmas lideranças políticas, que se alternarão no poder, e pouco se altera na realidade vivida pelos goianos.

Nota-se que são poucas as discussões sobre o período que antecede à proclamação e os primeiros anos da República em Goiás. A historiografia regional, no que se refere ao período republicano, vai se ocupar principalmente das conseqüências para Goiás do Golpe de Estado de 1930, que leva Getúlio Vargas à presidência da República, deixando vago o período que o antecede.

Mas essas discussões não serão desenvolvidas nesse trabalho, que procurou demonstrar como a obra de Oscar Leal, permite novos estudos sobre um curto intervalo de tempo, que não foi abordado por outros viajantes estrangeiros e pouco discutidos pela historiografia regional. São características que se associam a uma concepção de modernidade associada ao regime político republicano.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

_____. República, democracia e federalismo – Brasil, 1870-1891. In: *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45: p. 141-157. Jan/Jun 2011.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás – da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia, GO: Editora UFG, 2002.

HEYNEMANN, Cláudia Beatriz. O Teatro da Natureza. *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro, nº 12, p. 46-51. Outubro, 2004

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco Janotti. O diálogo convergente: Políticos e historiadores no início da república. In: FREITAS, Marcos Cezar Freitas de. (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2000.

LEAL, Oscar. *Viagem às Terras Goyanas (Brazil Central)*. Goiânia, GO: Editora UFG, 1980.

LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. O olhar dos viajantes sobre a mulher goiana no século XIX. In: LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. MENEZES, Marcos Antonio de. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (org.). *Historiar: interpretar objetos da cultura*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2009.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica: Em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

PALACÍN, Luís. MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. *História de Goiás*. 6ª Ed. Goiânia, GO: Editora UCG, 1994.

_____. *O século do ouro em Goiás*. 4ª Ed. Goiânia, GO: Editora UCG, 1994.

RIBEIRO, José Eustáquio. 2004. *Viagens, Viajantes e Livros de Viagem – o interior do Brasil na primeira metade do século XIX (1812-1850)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Unesp – Franca. Franca. São Paulo. Brasil

Revista USP, n. 30. *Dossiê Brasil dos Viajantes*. São Paulo: USP, CCS, 1996, junho/julho/agosto.